

"AS LEIS DA ATRAÇÃO": ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A HETERONORMATIVIDADE A PARTIR DA ANÁLISE DA REVISTA CAPRICHÔ

Marcela Pastana

Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Universidade Estadual Paulista- UNESP- Campus de Bauru

Curso de Formação de Psicólogos- Faculdade de Ciências

Financiamento: Bolsa PIBIC/CNPQ

RESUMO

Nas revistas femininas para adolescentes, a representação predominante é de uma leitora heterossexual, a atração por pessoas do mesmo sexo raramente é abordada, o que reforça o padrão Heteronormativo vigente da heterossexualidade como a forma normal, correta, esperada e desejável de relacionamento. Neste trabalho realizamos a análise da matéria “Leis da Atração” da Revista Capricho, com o objetivo de identificar e discutir como se constrói o discurso acerca da sexualidade, quais são as regras e os modelos de relacionamento presentes. Dentre os resultados destacamos o uso de argumentos científicos, principalmente os biológicos, como forma de essencializar e universalizar a atração heterossexual. Além dos padrões heteronormativos, houve a forte presença de padrões relacionados ao gênero, à estética, à raça, à classe social e ao amor. A discussão sobre o caráter normativo é importante para a desconstrução de uma visão repressiva da sexualidade, combatendo estereótipos e preconceitos.

Palavras-chave: Heteronormatividade; Sexualidade Feminina; Sexualidade Adolescente.

INTRODUÇÃO

As manifestações da sexualidade são amplas, abrangentes e múltiplas, entretanto, são muitos os modelos e padrões impostos para os comportamentos sexuais. Transmitidos através da educação por meio de diversas instâncias como a família, a escola e a mídia, muitas vezes esses padrões são apreendidos acriticamente e compreendidos como naturais,

estáveis e universalmente válidos. É importante refletir sobre o que caracteriza, em nossa sociedade, a produção, a justificação e o poder que esses padrões exercem sobre as pessoas (MAIA, 2008).

Nas revistas femininas voltadas às adolescentes, os relacionamentos são majoritariamente representados enquanto heterossexuais e muitas matérias, não apenas sobre relacionamentos, mas também sobre aparência, moda, comportamento, auto-estima etc. são elaboradas para leitoras preocupadas em agradar o sexo oposto. São oferecidos conselhos, dicas, recomendações, prescrições, técnicas, guias, destinados a ensinar às meninas sobre como ser e agir visando conseguir a atenção, a aprovação, o desejo dos garotos, de forma que a imagem feminina é construída e representada em torno dessa importância do olhar masculino (BUITONI, 1981; FISCHER, 1996; GURGEL, 2007; LIRA, 2009; MIGUEL, 2005; MIRA, 2003; SANTOS, 2006). Desta forma, a atração por pessoas do mesmo sexo raramente é abordada, e, como apontaram Miguel (2005) e Silva (2006), quando o assunto é tratado, é representado como uma atração passageira, uma fase, os conselhos são na direção de negar o desejo e silenciá-lo.

Oliveira (2009), ao analisar o discurso da Revista *Atrevida* sobre as adolescentes negras, destaca o quanto essa revista contribui para a manutenção do discurso hegemônico sobre raça, gênero e beleza, reiterando o lugar de cada grupo social na hierarquia de valores predefinidos de acordo com o padrão vigente. Observa que pela pressão do “politicamente correto”, pela importância que é dada hoje a representar os grupos minoritários, a abordagem da adolescente negra pela revista ocorreu de forma pontual e deslocada do conteúdo geral em que se dirige a uma leitora branca, sendo evidente o quanto os grupos não brancos são colocados na posição de “outros”. A partir da análise realizada por Oliveira (2009) assim como as conclusões das demais pesquisas que destacam o quanto a leitora representada é sempre heterossexual (BUITONI, 1981; FISCHER, 1996; GURGEL, 2007; LIRA, 2009; MIGUEL, 2005; MIRA, 2003; SANTOS, 2006; SILVA, 2006), neste trabalho será analisado como são abordados os temas da homossexualidade e da heterossexualidade na revista.

Louro (2009) define a Heteronormatividade como a produção e a reiteração compulsória da norma heterossexual, sustentada pelo suposto alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade, ou seja, a partir do argumento de que "por natureza" os seres humanos nascem como macho ou fêmea e são definidos dois gêneros possíveis- masculino e feminino- o que conduz a uma única forma normal de desejo, que é o desejo heterossexual. A premissa sexo-gênero-sexualidade supõe o sexo como imutável, a-histórico e binário, restringindo fortemente a compreensão de gênero e de sexualidade. Através dessa lógica supõe-se que todas as pessoas sejam ou devam ser heterossexuais, o que pauta os discursos da saúde, da educação, da área jurídica, da mídia etc. Este status de normalidade e naturalidade da heterossexualidade é mantido através de um investimento continuado e repetitivo, através de estratégias e táticas aparentemente sutis. A Heterormatividade adquire consistência- e invisibilidade- justamente porque é empreendido um processo continuado e constante pelas mais diversas instâncias sociais.

Miskolci (2009) ao discutir a Heteronormatividade destaca que o conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle não atinge somente aqueles que são descritos como desviantes e anormais, os ideais normativos não são repressores apenas para os que não se sentem atraídos pelo sexo oposto, e sim, o modelo imposto de gênero e sexualidade supostamente coerente, superior e "natural" é inalcançável e opressor para todos. Desta forma, é importante compreender a Heteronormatividade como aparato do poder e da força normalizadora característica da ordem social do presente.

As questões de sexualidade e gênero precisam ser pensadas considerando que as diferenças e desigualdade são social, cultural e discursivamente construídas e não biologicamente determinadas, deslocando o foco de atenção das separações binárias homem-mulher, heterossexual- homossexual para destacar o caráter relacional do gênero, buscando compreender as relações de poder em que as diferenças e desigualdades são produzidas e legitimadas, desconstruindo a homogeneidade, a essencialização e a universalidade contidas na forma como os termos são compreendidos (MEYER; SANTOS; OLIVEIRA;WIHELMS, 2004)

Louro (2009) enfatiza a importância de desconstruir a lógica Heteronormativa, demonstrando a fabricação histórica de tal processo e as manobras constantemente empreendidas para reiterá-la. Diante disso, seria interessante estudar como a Heteronormatividade é revelada nos meios midiáticos, como as revistas impressas que atingem um grande número de pessoas e jovens.

O objetivo deste trabalho é identificar e discutir como a Heteronormatividade se faz presente e constrói o discurso da Revista Capricho acerca da sexualidade feminina adolescente, quais são as regras prescritas e os padrões apresentados como importantes e desejáveis para um relacionamento amoroso nesse veículo de comunicação.

A análise apresentada faz parte da pesquisa “Padrões de Normalidade em Sexualidade e Gênero na Literatura para Adolescentes e Jovens”, financiada com Bolsa PIBIC, CNPq (2010-2011). Através de um levantamento realizado com 100 adolescentes entre 11 e 16 anos de uma escola pública do interior paulista, a Revista Capricho foi o material mencionado com mais frequência pelos participantes ao responderem sobre onde procuram informações sobre a adolescência, a sexualidade e os relacionamentos.

Com o objetivo de identificar e discutir a presença de padrões Heteronormativos, foi realizada a leitura de 17 edições da Revista Capricho, publicadas no período entre março de 2010 (edição 1093) a dezembro de 2010 (Edição 1112) e foram selecionadas as matérias que tinham como tema os relacionamentos heterossexuais e homossexuais. Em todas as edições continham matérias sobre os relacionamentos heterossexuais, e cinco edições abordaram o tema da homossexualidade, através das matérias: "Acho que gosto de meninas"; "Apaixonada por um menino gay"; "A Incrível história da garota que não pode levar o seu amor ao baile de formatura" e "Garotos que Amam Garotos". Foi realizada uma análise qualitativa-descritiva das matérias, e, neste trabalho, selecionamos para a discussão uma matéria sobre relacionamentos heterossexuais com o título “Leis da Atração” (Edição 1097), que evidencia algumas das normas presentes no discurso da revista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso da palavra “Leis” no título da matéria já remete ao caráter normativo. Logo no subtítulo é possível observar o principal elemento: *"o que faz você se interessar por um garoto e vice-versa?"*- ou seja, as leis da atração dizem respeito à atração heterossexual, aquela que, ainda segundo o subtítulo *"seu corpo e seu inconsciente já sabem muito bem"*. Assim, a partir de uma afirmação biologizante e psicologizante, a heterossexualidade é naturalizada e colocada enquanto lei. No decorrer da matéria serão citados os hormônios, os genes, o cheiro, os traços físicos, num discurso que inscreve no nível do biológico, com a justificativa da reprodução e perpetuação da espécie, inúmeras imposições e prescrições de como deve ser um relacionamento. Como afirma Louro (2009), as informações providas do "olhar autorizado" da ciência gozam de um estatuto de verdade. É nisso que a revista investe, ao anunciar que as informações foram dadas por especialistas, profissionais da psicologia e da genética, ilustrando cada uma das "leis" apresentadas com pesquisas e dados científicos. O trecho a seguir exemplifica tanto o poder atribuído ao discurso científico quanto o uso prescritivo e normativo que se faz do conhecimento:

“A atração entre duas pessoas parece acontecer do nada e sem motivo claro. Só que teorias não faltam para provar que esse interesse não é tão inexplicável assim. Biologia, psicologia, antropologia e até astrologia têm suas próprias sacadas para justificar por que algumas pessoas mexem tanto com a gente. Nas próximas páginas, conheça as teorias que a ajudarão a entender melhor como funciona o jogo da atração. Sabendo as regras, você terá mais chances de escapar das furadas para encontrar (e atrair!) o garoto certo!” (CAPRICHÔ, 1097, p. 81)

Maia (2009) discute sobre o poder ilusório projetado em profissionais de legitimar e afirmar o que pode e deve ser feito, sentido e desejado:

(...) Quero dizer com isto que os sujeitos se sentem livres para realizar o que desejam quando esse desejo corresponde aos parâmetros normativos presentes no discurso científico, mas não se discute ou não se problematiza o fato de que a dimensão normativa é intrínseca aos saberes da própria ciência, ou seja, ela não é

neutra nem alheia às demandas histórico-sociais que medeiam os fins que dirigem sua ação (MAIA, 2009, p. 266).

Maia e Maia (2005) discutem como estes padrões de normalidade transmitidos tanto pelo discurso da ciência, quando do senso comum, quando através da ampla divulgação pelos meios de comunicação resultam em pressões como a de ser heterossexual, corresponder a padrões de beleza, encontrar um parceiro que seja compatível com o mesmo nível educacional e econômico, casar-se, ter filhos (constituir uma família feliz) etc.

Várias são as regras que nos oprimem diariamente. Embora não estejam consolidadas na forma de leis, há pressões sociais reais, que se traduzem em obrigações para os indivíduos. (...) Mas não percebemos essas regras como repressivas, embora soframos, diariamente, com essas imposições sociais, seja pela existência da cobrança, ou pela culpa pessoal e a sensação de desajuste decorrente de uma eventual transgressão, porque a cobrança e a regra foram internalizadas. (MAIA & MAIA, 2005, pp. 51-52).

A seguir trechos das regras trazidas pela revista, sobre o que é necessário para que os parceiros tenham sucesso em um relacionamento segundo as “Leis da Atração”:

1. *Gostarem do mesmo tipo de música, filme, programa... (...)*
2. *Forem um tão bonito quanto o outro. Além disso, é ótimo se tiverem mesadas do mesmo tamanho. Uma pesquisa da Universidade da Califórnia juntou bonitos e ricos para ver quem gamava em quem. Resultado: bonitos com bonitos e ricos com ricos.*
3. *Tiverem algo de familiar: traços do rosto, cor de pele ou cabelo parecidos com os que são comuns para a outra pessoa. Estudiosas de uma universidade da Escócia descobriram que achamos mais bonitas as características físicas semelhantes às nossas e às dos nossos pais. A explicação? Somos acostumados a elas desde que nascemos e, assim, tendemos a nos sentir mais confortáveis com esse tipo de aparência.*
4. *Conhecerem pessoas em comum. (...) Não é difícil imaginar por que: quando o*

garoto é da confiança de alguém que você já conhece, é como se ele viesse com uma espécie de “certificado de qualidade”. (CAPRICHO, 1997, p. 81)

As regras afirmam... ter as mesmas características físicas, o mesmo padrão estético, o mesmo nível econômico, o mesmo gosto! Legitimadas pelo status de "científicas", essas regras reforçam preconceitos, ignoram a dimensão social, histórica e cultural das relações, justificando com pesquisas supostamente "neutras" diferenciações de raça, estética, classe social, negando e ignorando a multiplicidade, a pluralidade, a diversidade dos relacionamentos humanos (FISCHER, 1996; MIGUEL, 2005; SILVA, 2006).

Na edição seguinte, estas "leis" são testadas: são apresentados cinco candidatos para uma leitora, para que, após um encontro com eles, ela escolha o que mais a agrada verificando se o que foi dito funcionou. De forma coerente com as prescrições, só foram apresentados garotos brancos, magros, da mesma classe social que a leitora. É necessário também destacar o quanto a busca por um parceiro segue a lógica de um "investimento", que segue cálculos para que "funcione", tratando as pessoas como produtos, como pode ser evidenciado pela expressão "certificado de qualidade".

Kipnis (2005) em seu livro "Contra o Amor- uma polêmica" discute o quanto a lógica da racionalidade econômica permeia os relacionamentos, de forma que o "valor de troca" é determinado pela aparência, pela posição social, pelo nível de educação e pela raça. Destaca o quanto a racionalidade e o cálculo na escolha do parceiro é quase sempre tácita nos códigos de fala dominantes, sendo um tabu reconhecê-las, de forma que são colocados como justificativas “naturais” os argumentos apresentados pela revista, como por exemplo, a "atração inconsciente", a "compatibilidade de genes", a escolha amorosa como uma "química" etc.

Costa (2002) descreve o amor enquanto uma crença emocional para a qual somos ensinados e treinados, e, como todo ideal cultural, produz hierarquias de desejos internalizados no processo de formação de subjetividades. Contesta a representação do

amor enquanto algo espontâneo, natural, reforçando o quanto o que chamamos de amor está relacionado a fatores históricos e culturais:

A imagem do amor transgressor e livre de amarras é mais uma peça do ideário romântico destinado a ocultar a evidência de que os amantes socialmente falando, são, na maioria, sensatos, obedientes, conformistas e conservadores. Sentimo-nos atraído sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe, “raça”, religião ou posição econômico-social que limitam o rol dos que “merecem ser amados”. Na retórica do romantismo, o amor é fiel apenas à sua própria espontaneidade. A realidade social e psicológica dos sujeitos diz outra coisa. O amor é seletivo como qualquer outra emoção presente em códigos de interação e vinculação interpessoais. (COSTA, 2002)

Kipnis (2005) também afirma o quanto a crença do amor como algo mágico, incontestavelmente necessário e sem o qual não é possível ser feliz negligencia o quanto através dele são transmitidas regras, padrões e valores como a obediência e o conformismo. Se o amor é a solução para os problemas da vida, o importante é buscá-lo e aperfeiçoar-se para merecê-lo, como uma eficiente anestesia para as contradições sociais. A autora discute também o quanto a ética do trabalho penetrou nas outras esferas como a pessoal, destacando como se tornou recorrente a idéia de que o amor precisa ser "trabalhado", de que é preciso esforço para fazer um relacionamento "funcionar". É importante pensarmos na naturalização dessa lógica para observarmos os perfis apresentados pela revista na parte da matéria destinada a ensinar como identificar a "cara metade", com a classificação proposta pela antropóloga americana Helen Fischer:

"Ela dividiu as pessoas em quatro tipos: dominador, negociador, explorador e construtor. De acordo com Helen, dominadores dão certo com negociadores e exploradores com construtores." (CAPRICHIO, 1997, p. 81)

Com um vocabulário que explicitamente remete à lógica do trabalho: dominador, negociador, explorador e construtor, a justificativa dada ao fato dos perfis se

complementarem é: *"isso acontece porque buscamos um equilíbrio químico de hormônios que determinam a personalidade"* (CAPRICHO, 1097, p. 81)

Filho (2009) discorre sobre a concepção naturalizadora da sexualidade que atribui a cromossomos e hormônios os desejos e o destino social de homens e mulheres. Enfatiza a importância da crítica ao determinismo biológico já que este é uma reificação reducionista de processos e realidades (mesmo biológicas) em termos de uma natureza fixa, e estes não podem ser compreendidos se não forem consideradas suas relações com práticas culturais, biológicas e sociais, que são dinâmicas e diversas.

Embora a procura por explicar os fenômenos humanos a partir de bases biológicas não seja um fato atual na história da ciência, a onda do determinismo biológico tem permitido retornar, com muita aceitação e difusão pelas mídias, explicações biologizantes de realidades sociais e fenômenos culturais. (...) O discurso ideológico procura fazer crer que a realidade construída da dominação social, cultural ou política é natural, universal, necessária e inevitável" (FILHO, 2009, p. 108).

O ancoramento biológico é ainda mais enfático quando diz respeito à diferenciação dos gêneros, sustentando a idéia da preponderância da natureza, da ordem do natural, que não pode ser abalada. Assim, tomando diferenças sociais como resultados de características biológicas, não há sentido em buscar transformações e questionar padrões, uma vez que eles se encontram inscritos no corpo, nos hormônios, nos genes (RIBEIRO; ROHDEN, 2009; FILHO, 2009; LOURO, 2009). Os exemplos a seguir ilustram como a teoria evolucionista é usada para justificar e legitimar padrões normativos de gênero, relacionados também ao corpo e a aparência, através de argumentos bastante questionáveis:

"Beleza é fundamental. Principalmente para os garotos!(...) As garotas, por outro lado, selecionam um pretendente pelo nível do Q.I! Isso é uma herança da época das cavernas, quando as mulheres precisavam encontrar abrigos para se proteger das chuvas, dos animais, das outras tribos e, ao mesmo tempo, ficar perto dos alimentos, da água... Aí, mais do que forte, o parceiro dela tinha que ser inteligente! Os bonitos, pelo menos na teoria, tinham mais chance de arrumar outra e abandoná-la.

Mas, como ninguém é de ferro, nós também valorizamos algumas características físicas deles: adoramos um queixo quadrado (o que indica bons genes) e amamos costas largas e barriguinha reta. E não é só pelas razões óbvias: uma forma física mais atlética é sinal de que o cara vai saber cuidar direitinho da gente!" (CAPRICHO, 1097, p. 82)

Por que os bonitos tinham mais chance de arranjar outras e abandonar a parceira se o que as mulheres buscavam era inteligência? Qual é a relação entre queixo quadrado e bons genes? Como costas largas e barriguinha reta tornam um homem mais apto a cuidar, a proteger? São muitas as perguntas que podem ser feitas, enquanto a explicação é dada como da ordem do "natural".

A atração heterossexual como norma tem sido reafirmada continuamente com base no argumento reprodutivo, do sexo como fim procriativo (LOURO, 2009; FILHO, 2009). Um exemplo disso pode ser visto no tópico "questão de cheiro":

"Segundo uma pesquisa da Universidade Federal do Paraná (UFPR), você detecta pelo cheiro os meninos que têm genes diferentes do seu- e fica caidinha por eles! Claro: nem passou pela sua cabeça ter filhos com ele. Mas esse foi o jeito que a natureza encontrou para garantir descendentes mais fortes graças à variação genética. Vale lembrar: isso tudo acontece discretamente, já que esse perfume genético especial só é percebido pelo seu inconsciente. Por outro lado, meninos também se sente atraídos pelo seu cheiro e pela sua voz quando você está no período fértil (entre 12 e 18 dias após o começo da sua menstruação). É o seu corpo avisando que está biologicamente pronto para ter filhos!"(CAPRICHO, 1097, p. 82)

A ênfase na heterossexualidade enquanto natural por ser reprodutiva e o argumento "é o seu corpo avisando que está biologicamente pronto para ter filhos", contrasta com outra norma afirmada repetitivamente pelo discurso da revista: a representação da gravidez na adolescência como algo negativo. Se as "Leis da Atração" são justificadas pelo inconsciente que faz com que os garotos se sintam atraídos pelas garotas no período fértil

com fim de procriar, fica ainda mais evidente a contradição por ser justamente sobre ter filhos na adolescência a matéria da página seguinte: "*Meninas mães: elas trocaram escola, garotos e baladas por enjoos, fraldas e mamadeiras*" (CAPRICHÔ, 1097, p. 84). Assim, enquanto o discurso naturalizante da atração se dá de forma tão enfática em uma matéria, na outra, se torna evidente o quanto os fatores culturais, sociais e históricos são importantes na compreensão do que é considerado adequado ou não em sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da matéria "Leis da Atração" da Revista Capricho foi possível identificar e discutir alguns fatores relacionados à lógica Heteronormativa (LOURO, 2009; MISKOLCI, 2009): 1) os relacionamentos pressupostos são sempre heterossexuais, não havendo nenhuma menção da possibilidade de atração entre pessoas do mesmo sexo; 2) A atração heterossexual é justificada por argumentos biologizantes de forma a reiterar a concepção essencializante desta enquanto "natural"; 3) Padrões normativos de aparência, raça, gênero, classe social se fazem presentes nas explicações da atração ilustrando como esses marcadores perpassam a heterossexualidade enquanto norma; 4) O amor é colocado enquanto um ideal, não sendo considerados a construção social, histórica e cultural da compreensão que temos deste; 5) A atração e o relacionamento são atrelados à lógica mercadológica, a escolha de parceiros pode ser equiparada a escolha de mercadorias, o relacionamento é visto como um investimento, como algo que precisa ser trabalhado para funcionar.

Esses fatores encontrados exemplificam como se constrói o discurso da revista, o que foi identificado também em outras análises de que a leitora pressuposta é sempre heterossexual e são dirigidas a ela uma série de regras, normas, prescrições que impõem modelos e padrões a serem seguidos ignorando a pluralidade de identidades, a diversidade de formas de se relacionar e a multiplicidade de sentimentos, fantasias e desejos que caracteriza a sexualidade humana. (FISCHER, 1996; LIRA, 2009; MIGUEL, 2005; BUITONI, 1981; GURGEL, 2007; MIRA, 2003; SANTOS, 2006, SILVA, 2006).

É muito importante que sejam realizadas discussões nesse sentido sobre os modos de produzir e representar a sexualidade feminina adolescente visando desconstruir concepções repressivas, estereótipos e preconceitos e buscar uma compreensão crítica, reflexiva e emancipatória da sexualidade humana.

REFERÊNCIAS

BITTONI, D. H. S. **Mulher de Papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. Edições Loyola, São Paulo: 1981.

COSTA, J. F. **A Inocência e o Vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FILHO, A. S. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: Ideologia, preconceito e fraude. In JUNQUEIRA, R. D. (Org.) **Diversidade sexual na educação**: Problematizações sobre homofobia nas escolas. (Coleção Educação Para Todos, vol. 32, pp. 95-123). Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco.

FISCHER, R. M. B. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Tese de Doutorado Não-Publicada. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

GURGEL, R. T. **A mulher de Capricho**: uma análise do perfil das leitoras através dos tempos. Estudos semióticos, vol. 6., no 1, p. 94-106, junho de 2010.

LIRA, L. C. E. **Como se constrói uma mulher**: uma análise do discurso nas revistas brasileiras para adolescentes. 2009. Dissertação. (Mestrado em Linguística)- Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e Homofobia. In: Junqueira, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**.- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009. p. 85-93. (Coleção Educação Para todos, vol. 32)



Kipnis, L. **Contra o amor, uma polêmica**. Rio de Janeiro, Record, 2005.

MAIA, A. C. B. Sexualidade, Deficiência e Gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. In: JUNQUEIRA, R. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. (Coleção Educação para todos). Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO, 2009, p.265-292.

_____. A Educação Sexual repressiva: padrões definidores de normalidade. In: SOUZA, C.B.G. e RIBEIRO, P. R. M. (Orgs.). **Sexualidade, Diversidade e Culturas Escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores**. (pp.67-83). Araraquara, FCLar-UNESP Lab. Editorial; Alcalá de Henares: UAL, 2008.

_____; MAIA, A. F. (Orgs.). **Sexualidade e Infância**. Cadernos Cecemca. Bauru, Unesp; Brasília, MEC, 2005.

MIGUEL, R. B. P. **De “moça prendada à “menina super poderosa”**: um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na revista Capricho (1952-2003). 2005. 169 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MIRA, M. C. **O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 21, 2003.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, no 21, jan/jun 2009, p. 150-182.

SANTOS, D. B. **Ideais de mulher**: estética de corpo e de relações afetivo-sexuais veiculados pela mídia escrita em revistas direcionadas ao público jovem no contexto brasileiro. 2006. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SILVA, P.C. **A Sexualidade Construída nas Páginas das Revistas Adolescentes**: Um estudo de caso de Atrevida, Capricho e Todateen. 2006. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

RIBEIRO, C. R.; ROHDEN, F. A ciência na mídia e as estratégias de reafirmação da

bipolaridade entre os gêneros: o caso do Globo Repórter. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 32, jun. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332009000100009&lng=pt&nrm=iso. acessos em 30 mar. 2011. doi: 10.1590/S0104-83332009000100009.

Matérias

FOLGUEIRA, L. “Acho que gosto de meninas”. **Revista Capricho**. Edição 1103, pp. 94-96, São Paulo, agosto de 2010.

HIRATA, G. Meninas mães. **Revista Capricho**. Edição 1097, pp. 84-88, São Paulo, maio de 2010.

LIMA, M. A. A Incrível História da garota que não pode levar seu amor ao baile de formatura. Edição 1094, p. 79, São Paulo, abril de 2010.

NORONHA, I.; PINHEIRO, K; MEIRELLES, F.; HIRATA, G. 5 encontros. **Revista Capricho**. Edição 1098, pp. 88-91, São Paulo, junho de 2010.

PINHEIRO, N. Garotos que amam garotos. **Revista Capricho**. Edição 1112, p. 98-99, São Paulo, dezembro de 2010.

RAPS, R. Apaixonada por um menino gay. **Revista Capricho**. Edição 1094, p. 70, São Paulo, abril de 2010.

ZAMPIER, D. As Leis da Atração. **Revista Capricho**. Edição 1097, pp. 80-83, São Paulo, maio de 2010.